

Tema em Debate

China

Economista diz que chineses preferem produzir que especular

Câmbio e juros, elementos fundamentais da macroeconomia, vêm sendo objeto de mudanças recentes na China que, embora não tenha permitido grande valorização de sua moeda, o iuan, mantém a taxa de juros reais (2,4%) na segunda colocação no nefasto 'ranking' liderado com folga pelo Brasil (5,7%) e que tem a Indonésia, com 2,2%, ocupando a terceira colocação.

Pela importância crescente da economia chinesa no planeta, o MM ouviu especialistas sobre o tema. Na opinião do cientista social Theotônio dos Santos, a China tem interesse em tornar sua moeda uma referência na Ásia e, eventualmente, constituir alternativa ao dólar. Além disso, a valorização cambial facilita aos chineses a compra de ativos mundo afora.

Reinaldo Gonçalves, professor de Economia Internacional da UFRJ, avalia que a China elevou sua taxa de juros para evitar a formação de bolhas. "Mas é provável que flexibilizem essa estratégia por causa da queda nas exportações, em virtude de crise", ressalva. Segundo Gonçalves, apesar de estar mudando o foco de sua expansão para o mercado interno, os chineses não irão permitir que as famílias ingressem num processo de endividamento exagerado.

"A China não vai deixar que se configure uma situação semelhante à do Brasil, país no qual quanto mais o salário mínimo aumenta, mais cresce o lucro dos bancos", comparou, reafirmando opinião, manifestada algumas vezes no MM, de que a principal causa da eclosão da crise na Grécia não foi o endividamento público, mas as dívidas privadas, sobretudo das famílias.

Foco na produção

Por sua vez, Dércio Garcia Munhoz, professor da Universidade de Brasília (UnB) pondera que, ao valorizar sua moeda, a China ganhará poder de compra no exterior, barateando suas importações. "A China tem mais de US\$ 2 trilhões em reservas. O país vem cumprindo um programa de expansão no exterior, a começar pela África. No Brasil, estão comprando distribuidoras de energia, investindo em siderurgia e outros segmentos. Não estão atrás de especulação com juros pagos pelos títulos públicos, mas na compra de ativos via bolsa de valores", comenta Munhoz, que já presidiu o Conselho Federal de Economia (Cofecon).

O professor da UnB considera a alta dos juros chineses uma consequência natural das medidas recentes para conter a expansão do crédito bancário, mas frisa que "qualquer medida de política monetária, quer na área de open market, quer na taxa de desconto ou compulsório bancário", aumenta a taxa de juros na economia. "Devido às políticas restritivas do crédito, juros aumentam naturalmente, mas têm impacto inflacionário, pois pressionam os custos", adverte.

Apesar de influenciar custos, o economista diz que, ao contrário do que ocorre no Brasil, dificilmente os juros provocarão uma depressão de tal modo que os trabalhadores chineses se enfraqueçam politicamente e aceitem redução de salários. Se isso ocorrer, adverte Munhoz, pode haver uma explosão social. "No Brasil é que estamos usando o câmbio para reduzir a inflação. Aqui, o aumento dos custos, motivado pelo juro alto, reduz investimentos e demanda, deprimindo o salário real, que leva a redução dos preços", compara.

A tentação da guerra

Como a economia mundial está patinando, inclusive a americana, os países estão precisando vender mais para a China. Por isso, segundo o professor da UnB, pressionam pela valorização do iuan. “A China também está em posição delicada. Valorizar o iuan significa reduzir lucratividade e aumentar as importações, para satisfazer os EUA. Ao mesmo tempo, é preciso fomentar mercado interno”.

Apesar de considerar que a China continuará muito competitiva, ele lembra que está em curso uma brutal concentração de renda no país. “Há ricos e poderosos e os trabalhadores que servem à classe emergente. Aí começamos a entender o porquê da Guerra Fria. A CIA acaba de provocar grave incidente afundando um barco da Coreia do Sul, para acirrar a guerra, como já vem fazendo no Oriente Médio. Um país que enfrenta contradições como a que a China está enfrentando, caso não consiga vender carros poderá optar por vender armas para Formosa, por exemplo”.

A China não optou, por enquanto, por vender armas, mas Munhoz enfatiza que o país não pode deixar a renda cair. “A grande massa tem renda miserável. É possível que caia no caso russo e americano, para quem a Guerra Fria caía como uma luva”, lembra, apontando que,

poucos dias após o afundamento do barco da sul-coreano, o novo governo japonês aceitou a permanência das tropas americanas na região, algo que vinha sendo contestado pela sociedade japonesa. “A Europa também é refém dessa demanda”, diz.

Oportunidade

Por sua vez, Theotônio dos Santos, que é integrante do Conselho Editorial do MM, observa que a valorização do iuan vai ocorrer e que o aumento da demanda da China para o resto do mundo via valorização do iuan, criará problemas estratégicos com os consumidores, sobretudo, de matérias-primas. “É uma continuidade do que vinha ocorrendo entre 2002 e 2008. A importação chinesa vai produzir escassez de certos produtos e aumentar o preço. Por isso, é preciso tentar controlar o mercado futuro, que é altamente especulativo”, diz, ponderando que o lucro não fica tanto com os exportadores, mas com os especuladores.

De qualquer forma, o cientista social frisa que a maior demanda por commodities pode ser boa para o Terceiro Mundo, se houver planejamento. “O Terceiro Mundo, que é produtor de commodities, voltará a dispor de excedentes que, se bem utilizados, poderão alavancar o desenvolvimento”. Mas tudo isso, segundo ele, coloca para esses países alguns assuntos chaves. Primeiro, o que vão fazer com as reservas. “Se deixarem o sistema financeiro nas mãos dos grandes grupos, não vão ver nem cheiro desse dinheiro. Em 1999, o Brasil tinha US\$ 75 bilhões em reservas, mas elas não eram fruto de superávit comercial, e sim de dívidas”, lembra.

De volta à China, o cientista político salienta que a dívida pública chinesa não emite títulos, daí não haver risco que os juros altos praticados no país resulte no endividamento público descontrolado. “Também não vejo interesse em atrair muito capital que não seja voltado para o investimento produtivo. Existe uma ala do partido comunista muito voltada nos últimos anos para o mercado interno, aumento de salários, Previdência, já que o surgimento de um setor privado grande assim exigiu. Estão construindo, dentro do sistema chinês, um Estado de bem estar. Ou seja, a luta de classe, dentro do capitalismo, começa a ser apoiada pelo Estado”.

Mas há também, segundo informa o cientista social, uma outra ala do governo que cresceu muito na articulação com a economia privada, do ponto de vista do capital. Como parte desse processo e da liquidez colossal que a China tem, surgiu uma demanda para utilização desses recursos para a gestação de um grande setor financeiro, em função do mercado interno, mas também do mercado internacional.

“O setor financeiro opera com uma capacidade alavancagem de cinco vezes de seus recursos. Quem possui US\$ 2,4 trilhões de reservas, tem potencial de US\$ 10 trilhões. É uma estratégia perigosa, mas uma parte do partido quer que a China entre nessa jogada financeira, que poderá criar uma burguesia chinesa extremamente poderosa”, adverte.

□ Rogério Lessa



Munhoz já presidiu o Cofecon